

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Educação Psicomotora

Débora Maria Mendes Rodrigues e Thamires Souza dos Reis Gonçalves

A INFLUÊNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA COM TEA: UM OLHAR PARA O CORPO QUE FALA

Rio de Janeiro
2025



Débora Maria Mendes Rodrigues e Thamires Souza dos Reis Gonçalves

**A INFLUÊNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA COM TEA:
UM OLHAR PARA O CORPO QUE FALA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pósgraduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Orientador (a) Professor (a) Cintia Tavares
Ferreira, M^a em Educação pela UFRJ.

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

R696 Rodrigues, Débora Maria Mendes

A influência da psicomotricidade na vida da criança com TEA :
um olhar para o corpo que fala / Débora Maria Mendes Rodrigues,
Thamires Souza dos Reis Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2025.

19 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II.
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Cintia Tavares Ferreira.

1. Educação psicomotora - Estudo e ensino. 2. Psicomotricidade. 3.
Transtorno do espectro autista. 4. Autismo em crianças. 5. Corpo e
mente - Crianças. I. Gonçalves, Thamires Souza dos Reis. II. Ferreira,
Cintia Tavares. IV. Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Débora Maria Mendes Rodrigues e Thamires Souza dos Reis Gonçalves

**A INFLUÊNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA COM TEA:
UM OLHAR PARA O CORPO QUE FALA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pósgraduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof^a.M^a. Cintia Tavares Ferreira (Orientadora)

Colégio Pedro II

Dr^a Cristie de Moraes Campello

Colégio Pedro II

M^a Josiene Mazzini da Costa

CAP/UFRJ

Rio de Janeiro

2025

A INFLUÊNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA COM TEA: UM OLHAR PARA O CORPO QUE FALA

Débora Maria Mendes Rodrigues e Thamires Souza dos Reis Gonçalves

Resumo: O presente artigo dialoga sobre as formas de comunicação e expressão do corpo da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sob a perspectiva da psicomotricidade. A relevância se dá a partir do olhar de como os gestos, movimentos e comportamentos corporais dessas crianças podem ser compreendidos como manifestações significativas, comunicadoras e afetivas, indo além da linguagem verbal. O objetivo central foi evidenciar as contribuições do olhar psicomotor para a compreensão e o acolhimento das singularidades expressivas no TEA, valorizando práticas que consideram o corpo como meio de interação, vínculo e aprendizagem. Para isso, adotou-se a pesquisa bibliográfica (Sousa *et al.*, 2021) e o relato de experiência (Barros, 2024) como metodologias, com base em artigos científicos que discutem a psicomotricidade e suas interfaces com o autismo. Wallon foi o autor que norteou as discussões inspirando as reflexões para um encontro com a psicomotricidade afetiva. O texto apresentou um panorama introdutório sobre a psicomotricidade relacional e seu potencial afetivo, delineando sua evolução e seus fundamentos, além de apontar características essenciais do TEA que influenciam diretamente nas formas de expressão corporal dessas crianças. Por meio dos relatos do vivido e do diálogo com os autores foi possível perceber que por meio do brincar, dos jogos simbólicos, das dinâmicas que envolvem o corpo também é possível estabelecer uma comunicação, inclusive do que não encontra espaço na oralidade. Portanto, a psicomotricidade favorece essas potencialidades do corpo da criança com TEA, permitindo enxergá-los para além de suas limitações, mas como seres em potência.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro autista; psicomotricidade; autismo; corpo com TEA.

THE INFLUENCE OF PSYCHOMOTOR EDUCATION ON THE LIFE OF CHILDREN WITH ASD: A LOOK AT THE BODY THAT SPEAKS

Abstract:

This article explores the forms of communication and expression manifested through the body of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), from the perspective of psychomotor education. Its relevance lies in the understanding that the gestures, movements, and bodily behaviors of these children can be interpreted as meaningful, communicative, and affective expressions—extending beyond verbal language. The central objective is to highlight the contributions of a psychomotor approach to the understanding and welcoming of expressive singularities in ASD, emphasizing practices that view the body as a medium for interaction, bonding, and learning. To this end, bibliographic research (Sousa et al., 2021) and experiential reports (Barros, 2024) were adopted as methodologies, based on scientific articles that discuss psychomotricity and its interfaces with autism. Wallon was the key theoretical reference guiding the discussions, inspiring reflections grounded in affective psychomotricity. The text presents an introductory overview of relational psychomotricity and its affective potential, outlining its development and theoretical foundations, and pointing out essential characteristics of ASD that directly influence the forms of bodily expression in these children. Through lived experience reports and dialogue with the literature, it became evident that play, symbolic games, and body-based dynamics offer paths to communication—even of that which cannot find space in speech. Therefore, psychomotricity fosters the bodily potential of children with ASD, enabling them to be seen beyond their limitations—as beings of potential.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; psychomotricity; autism; the body with ASD.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que desde muito tempo separa o que não se encaixa aos padrões, sobretudo no que se refere às pessoas com deficiência ou neurodivergência¹. Os casos de diagnósticos de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estão cada vez mais em ascensão, contudo, ainda há muitos equívocos no que diz respeito ao autismo. Por se tratar de um transtorno que abrange um espectro amplo de características, muitas pessoas ainda não sabem lidar com esse público e em muitos casos esperam deles algo que muitas vezes eles não podem ofertar diretamente, como é o caso da fala. Quanto mais se estudar e conhecer as características do TEA, mais fácil poderá ser a compreensão do que se passa com quem tem este transtorno e o manejo de acordo com as suas especificidades.

Já é possível perceber o quanto o nosso corpo fala de diferentes formas, o que também se relaciona à subjetividade de cada um. Entretanto, para nós, pessoas típicas, a comunicação acontece um pouco mais facilmente, pois conseguimos nos expressar independente da via que ela ocorra. Entretanto, para as pessoas atípicas², em especial as pessoas com TEA, a comunicação tradicional não ocorre tão facilmente e isso se dá por alguns fatores, dentre eles, o fato de alguns deles serem pessoas muito literais e inflexíveis.

Escrevemos sobre um grupo frequentemente invisibilizado e, tantas vezes, definido apenas pelo o que não consegue fazer. Nosso propósito é enxergar além, ouvir com atenção e reconhecer o sujeito que existe para além de suas ações ou omissões. Um sujeito com mãe, pai, nome e endereço. Talvez tenha seguidores, talvez seja um *tiktoker*³, talvez abrace e beije em momentos que fogem às convenções, mas, acima de tudo, é um sujeito — e nunca uma “patologia”.

A comunicação e a expressão ocorrem independentemente se há fala ou não, sabemos o quanto o corpo é capaz de transmitir informações. O que falta em muitas pessoas para ter esse entendimento, é um olhar sensível para perceber o outro, seja por meio de suas inquietações, angústias, estereotípias ou até mesmo um olhar direcionado, que em alguns casos pouco ocorre.

Embora alguns deles não se expressem e se comuniquem por meio da fala, nós estudiosas e pesquisadoras da psicomotricidade compreendemos que o corpo comunica de diversas formas e, por isso, se dá a relevância desta discussão para este público. Além disso, se

¹ Refere-se a uma condição em que o funcionamento cerebral difere significativamente do que é considerado típico ou neurotipicamente esperado. Disponível em <https://exame.com/esg/neurodivergente-o-que-e-caracteristicas-exemplos-e-mais/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento>. Acesso em: 27 de abril de 2025.

² Pessoas cujo desenvolvimento e funcionamento neurológico se diferem do que é considerado típico ou neurotipicamente esperado.

³ Pessoa que produz vídeos para a rede social *TikTok*.

faz necessário ressaltar a importância do corpo como meio de expressão e conseqüentemente as contribuições que a psicomotricidade tem para o olhar para as pessoas com TEA.

Assim, esse estudo pretende refletir e contribuir sobre as diferentes formas que o corpo da criança com TEA se comunica e se expressa a partir de práticas e outras diferentes manifestações da psicomotricidade, trazendo uma contextualização do seu percurso. Além disso, apresentar formas de contribuição da psicomotricidade para esse público, de modo que as práticas e intervenções psicomotoras sirvam não só para desenvolver habilidades, mas para ressaltar as diferentes formas de comunicação corporal existentes, valorizando o eu espontâneo.

A escolha do recorte focado nas pessoas com TEA se deu pelo fato de trabalharmos em clínica diretamente com esse público e perceber nas famílias a falta de entendimento e compreensão sobre eles, onde cada evolução não necessariamente era vista com o mesmo entusiasmo como quando eles esboçavam qualquer tipo de som. Cabe ressaltar que o nosso objetivo não é criticar as famílias, mas entender esse processo e oferecer subsídios por meio do olhar psicomotor, o quanto o corpo pode dizer algo que muitas vezes faltam em palavras.

Portanto, a pesquisa visa auxiliar não só as famílias nesse processo, mas também professores e profissionais que convivem com pessoas com TEA, mas não os compreendem. A psicomotricidade entra nesse processo não só contribuindo com uma consciência corporal da criança, mas também dos que estão ao seu redor, possibilitando ao outro o entendimento do eu e do nós.

Para fomentar a discussão foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que segundo Sousa *et al.* (2021) é quando o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada. Também traremos alguns relatos de experiências vividas de forma individual no período do estágio em psicomotricidade educacional e no contexto clínico com psicomotricistas. Essa escolha se deu em diálogo com Barros (2024) que destaca ser um texto que descreve uma dada experiência com o objetivo de contribuir de forma relevante para sua área de atuação. Assim, a pesquisa vai ocorrer por meio de leituras e discussões de artigos científicos, encontrados em portais como Google Acadêmico, utilizando as palavras-chaves: Psicomotricidade, Autismo, Transtorno do Espectro Autista, corpo com TEA. Como critério foram considerados artigos em português e inglês, que datavam de 2003 até 2025, as palavras-chaves TEA e Psicomotricidade foram encontrados 1950 artigos, foram selecionados artigos que abordavam os temas e dialogavam sobre o percurso da psicomotricidade, as contribuições e intervenções que ela pode proporcionar e outros assuntos que essa discussão abrange, além de artigos que buscaram explicar algumas características do Transtorno do Espectro Autista, de modo a explicar suas especificidades e seus

comportamentos. Os artigos encontrados embasaram as nossas reflexões a respeito da temática junto com os nossos relatos de experiências.

Sendo assim, o estudo foi dividido em três partes. Na primeira, situaremos o percurso da psicomotricidade pelo viés da afetividade e a potencialidade do corpo. Em seguida, contextualizaremos o Transtorno do Espectro Autista, bem como suas características e suas potencialidades corporais. Por último, traremos contribuições do olhar psicomotor, a fim de potencializar esses corpos em suas especificidades, a partir de nossos relatos de experiência.

Psicomotricidade afetiva: o corpo como mediador de comunicação na infância

Antes de sua constituição como campo próprio, os elementos hoje integrados à psicomotricidade eram interpretados de forma fragmentada pela medicina, sob a hegemonia do modelo anátomo-clínico. O movimento era compreendido como mera resposta neurológica, desvinculado de qualquer dimensão subjetiva, simbólica ou relacional. Alterações como inibição motora, agitação, dificuldades de coordenação ou de ritmo eram tratadas como sintomas de doenças neurológicas ou psiquiátricas, desconsiderando aspectos afetivos, sociais e contextuais.

Nesse contexto, a perspectiva da psicomotricidade como uma aliada do corpo e de suas expressões encontra sua fundamentação na área médica, mais especificamente na neurologia, com forte influência da tradição francesa. Destaca-se a contribuição de Dupré, neurologista francês, e de Karl Wernicke — neuropsiquiatra austríaco que, em 1870, utilizou pela primeira vez o termo ao investigar disfunções cerebrais e afasias que ocorriam sem lesões anatômicas visíveis. Tais estudos evidenciaram os limites do modelo anátomo-clínico, centrado na correlação direta entre sintomas e lesões cerebrais localizadas, e impulsionaram uma nova compreensão das manifestações corporais e cognitivas (LUSSAC, 2008). A psicomotricidade, ao emergir desse movimento, rompe com esse paradigma reducionista ao propor uma abordagem ampliada do sujeito, reconhecendo o corpo como mediador da subjetividade, da comunicação e da construção do vínculo com o mundo (Morizot, 2010).

A partir de 1925, o psicólogo e filósofo francês Henri Wallon passou a se dedicar intensamente ao estudo do desenvolvimento infantil, com especial atenção ao papel do movimento humano nesse processo. Suas investigações marcaram um importante avanço no campo da psicomotricidade, ao propor uma compreensão integrada entre o comportamento motor, a emoção e o afeto. Wallon introduziu a noção de que o comportamento tônico, ou seja, o estado de tensão e relaxamento muscular do corpo, está diretamente ligado às expressões emocionais e à forma como o sujeito se relaciona com o meio e com os outros. Para ele, o tônus

não é apenas uma função fisiológica, mas uma linguagem corporal que reflete o estado afetivo do indivíduo, revelando como ele percebe e reage ao ambiente ao seu redor. Assim, suas contribuições ampliaram significativamente a compreensão do corpo como expressão da subjetividade e não apenas como mecanismo biológico, influenciando decisivamente a construção do olhar psicomotor contemporâneo (Mahoney *et al*, 2004).

Sob essa perspectiva, Wallon propõe que o desenvolvimento humano é um processo complexo, contínuo e profundamente influenciado pelas experiências afetivas e pelas interações sociais desde os primeiros dias de vida. O ser humano, ao nascer, já traz consigo potencialidades que se manifestam por meio de traços herdados do meio cultural e social em que está inserido. Embora, nos estágios iniciais, as respostas comportamentais da criança se expressem predominantemente através de reflexos, esses gestos rudimentares já anunciam o início do funcionamento cognitivo e relacional. Nesse sentido, a teoria walloniana enfatiza a importância da estimulação precoce como condição fundamental para a constituição das funções cognitivas, afetivas e motoras. A qualidade das experiências vividas na infância, especialmente no que se refere ao vínculo com os cuidadores e ao ambiente de interação, exerce influência direta no desenvolvimento global do sujeito. Dessa forma, a motricidade não pode ser compreendida isoladamente, mas sim como parte de um sistema articulado em que emoção, cognição e corpo se entrelaçam de maneira indissociável (Assis *et al*, 2022).

Com o intuito de ampliar a compreensão sobre as possibilidades expressivas e relacionais do corpo, Pinheiro *et al*. (2022) discutem a psicomotricidade relacional como uma abordagem que valoriza, sobretudo, a escuta do sujeito por meio de sua corporeidade. Embora essa prática esteja inserida em um contexto planejado e fundamentado teoricamente, ela se caracteriza pela flexibilidade e pela abertura à espontaneidade da criança, reconhecendo seus desejos, necessidades e ritmos próprios como elementos centrais na condução das sessões. Nos momentos iniciais do processo, não há uma intenção diretiva ou impositiva sobre o que deve ser feito; ao contrário, o adulto atua como observador sensível, promovendo um ambiente de acolhimento e segurança que favorece a livre exploração do espaço, dos objetos e das emoções.

Nesse cenário, o corpo se torna meio e mensagem: comunica-se por meio do tônus muscular, da postura, do olhar e do gesto, ultrapassando as fronteiras da linguagem verbal. Essa comunicação tônico-emocional permite acessar conteúdos subjetivos que nem sempre podem ser nomeados, mas que se expressam intensamente por meio da corporeidade. Assim, a psicomotricidade relacional se configura como um campo fértil para o desenvolvimento da afetividade, da autoexpressão e da construção de vínculos, ao reconhecer o corpo como

território de significação, diálogo e transformação. Para Oliveira (2020, p.2) uma forma de compreender a psicomotricidade relacional é enquanto:

[...] uma fábrica de co-afetações, espaço onde faço provocações a fim de gerar conexões potentes, para isso lanço mão de diversas estratégias, como: o simbolismo presente no brincar; mediação corporal ou por meio de objetos; prazer sensório-motor; afetividade; dinamismo; acolhimento; parceria; criação de jogos simbólicos e espaços compartilhados; dentre outros.

Vale ressaltar que André Lapierre em 1982 quem introduziu a psicomotricidade relacional no Brasil, trazendo uma proposta inovadora no campo das práticas corporais e educativas. Sua abordagem fundamenta-se na interpretação dos comportamentos infantis a partir de suas dimensões simbólicas e afetivas, compreendendo que tanto os gestos quanto a comunicação — verbal ou não verbal — são atravessados por registros corporais de experiências relacionais vividas ao longo da história do sujeito. Tais imagens relacionais ficam inscritas no corpo, constituindo uma espécie de memória emocional que se expressa nas ações cotidianas da criança. Sob esse olhar, o papel do psicomotricista não é corrigir comportamentos, mas acolhê-los como manifestações legítimas da subjetividade infantil, reconhecendo a criança como um ser já completo em sua forma de ser, e não como alguém que precisa ser ajustado a um modelo ideal. Quando essa abordagem é direcionada ao público com deficiência, rompe-se com o paradigma da falta ou da limitação. O foco passa a ser aquilo que o corpo é capaz de expressar, sentir e comunicar, valorizando suas potências e singularidades, e não suas ausências (Pinheiro *et al.*, 2022).

Nessa mesma direção, Simeão (2016) reforça que o psicomotricista relacional deve estar preparado para escutar o corpo do outro por meio de uma comunicação essencialmente não verbal, estabelecendo um diálogo corporal sensível e carregado de afeto. Essa escuta exige disponibilidade emocional, empatia e abertura para acolher as manifestações espontâneas da criança, que muitas vezes não encontram espaço na linguagem falada, mas que emergem com intensidade no gesto, no olhar, na postura e no tônus. O vínculo afetivo que se constrói entre a criança e o mediador psicomotor é o alicerce que permite a construção de um espaço seguro, onde o sujeito pode projetar seus sentimentos, explorar seu corpo e reconhecer-se em sua inteireza. A psicomotricidade, nesse contexto, assume um papel fundamental como instrumento de mediação relacional, possibilitando o desenvolvimento da consciência corporal, da afetividade e da capacidade comunicativa, tanto da criança com deficiência quanto daqueles

que com ela convivem. Assim, promove-se a construção do “eu” em relação ao “outro”, fortalecendo processos de subjetivação e pertencimento social.

A psicomotricidade afetiva surge como uma abordagem que reconhece o corpo não apenas como instrumento de movimento ou aprimoramento de habilidades, mas como território de significação, comunicação e vínculo. Ao integrar os fundamentos da psicomotricidade à centralidade da afetividade no desenvolvimento infantil — especialmente a partir da perspectiva de Henri Wallon — essa vertente valoriza a corporeidade como linguagem primordial, anterior à fala, por meio da qual a criança se expressa, se constitui e se relaciona com o mundo. No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujo acesso à linguagem verbal pode ser comprometido ou atípico, o corpo assume papel ainda mais fundamental como mediador das trocas simbólicas e emocionais. Nomeá-la de psicomotricidade afetiva implica reconhecer que o tônus, o gesto, o olhar, a postura e a movimentação são formas legítimas de comunicação, que revelam desejos, medos, necessidades e afetos. Esse corpo comunica sensações internas e interpreta o ambiente externo, estabelecendo uma via de diálogo entre o eu e o outro.

Assim, o psicomotricista que atua sob essa perspectiva deve estar atento não apenas ao que a criança faz com o corpo, mas ao que ela diz com ele — escutando com o olhar, acolhendo com a presença e oferecendo espaços de expressão segura, onde o sujeito possa se reconhecer, ser reconhecido e se vincular de forma significativa.

As potencialidades do corpo com TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta como algumas de suas características alterações na comunicação e nas habilidades sociais, sensibilidade com sons, texturas, além de apresentar padrões de comportamentos repetitivos e restritivos, e / ou estereotípias. Ele pode ser identificado precocemente e apresentar características atípicas que podem demandar diferentes níveis de suporte. De acordo com Klin (2006, p. 1):

Referem-se a uma família de condições caracterizadas por uma grande variabilidade de apresentações clínicas. Podem variar tanto em relação ao perfil da sintomatologia quanto ao grau de acometimento, mas são agrupados por apresentarem em comum uma interrupção precoce dos processos de sociabilização. São, por natureza, transtornos do neurodesenvolvimento que acometem mecanismos cerebrais de sociabilidade básicos e precoces. Consequentemente, ocorre uma interrupção dos processos normais de desenvolvimento social, cognitivo e da comunicação.

É devido às singularidades desses sujeitos que tem-se um espectro, pois ele ocorre de diferentes formas, em diferentes níveis. Apesar da sua diversidade, em geral, são pessoas que apresentam algum tipo de dificuldade na interação social, na fala, no que a neurociência designa como leitura da mente, ou seja, desafios na compreensão de ironias, piadas e expressões faciais, possuem interesses restritos e repetitivos, podem ser extremamente literais e as mudanças de rotina podem causar desconfortos.

Embora não se conheça as causas definitivas do TEA, sabe-se que o fator genético é uma delas e tanto o ambiente quanto as pessoas que convivem com eles são decisivos para o seu desenvolvimento. É a partir daí que questionamos, o que pode um corpo que pouco fantasia a realidade? Existe potência nesse corpo onde o sentido precisa ser construído? Onde os movimentos precisam ser traduzidos? Como esse corpo se comunica? O desejo de fazer com que essa criança fale a língua predominante, costuma ser encarado de forma urgente pela sociedade, como se houvesse uma inadequação. Como afirma Santos (2003, p. 56) "[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza". Portanto, é sobre o direito de ser quem se é.

Destacamos que há uma variedade de condições no autismo e por isso é utilizado o termo “espectro”. Dessa forma, o recorte da pesquisa conforme exposto acima, se dá nas crianças com TEA que não utilizam a linguagem oral como forma de comunicação. E nesse desenrolar, convidamos a refletir sobre: o que o corpo de uma criança autista expressa para além da interpretação verbal?

Entre as múltiplas formas de comunicação, a emissão de sons junto à expressão corporal pode constituir-se como um processo comunicativo. Por meio de um olhar atento, uma escuta para além das palavras, um olhar minucioso e sem rótulos para esse corpo é possível ampliar e trazer diferentes interpretações comunicativas. Por isso a importância da psicomotricidade relacional na construção do vínculo e do afeto, nesse brincar, nesse simbolismo, na mediação com os objetos, para auxiliar na promoção de diferentes emoções, ações e reações. Entretanto, dependendo do estado e do envolvimento com esse corpo, o toque de uma forma mais precoce pode constituir uma forma invasiva, não permitindo que o afeto se solidifique. Daí, a importância walloniana do investimento no afeto, na construção do vínculo e da confiança.

Todo o corpo é provido de política e está profundamente envolvido em práticas de significação e subjetividade. O “não” falar representa uma cadeia de significados que se estendem àqueles que convivem com ele. É a partir do movimento de uma estereotipia que o corpo comunica uma emoção, um desconforto, uma angústia, algo que às vezes não é possível ser colocado em palavras nem pelos falantes. Para Tafuri e Safra (2017, p. 4) “A abertura para

o outro, quem quer que seja este outro, significa escapar do campo de deduções e do colonialismo do ser do outro [...]”.

Conviver com crianças autistas é entender que a linguagem humana é diversa e vai muito além das palavras. É entender que a interação não é imediata, é um processo até que se estabeleça vínculo para que haja interação. É se suspender de seus juízos e abrir espaço para que cada um se expresse da maneira que melhor traduz quem ele é. Isso pode ser elucidado por Tafuri e Safra (2017, p. 4) quando afirmam que “O corpo de uma criança autista pode permitir a abertura para o outro se for vivenciado como uma pura fenomenologia do afeto”.

Um corpo com autismo pode muito mais do que se vê. É um corpo que enxerga o mundo de maneira única, complexa e intensa, que grita por meio dos gestos, que se protege do que para eles é demais suportar. É um corpo que também ri e também chora, que pode amar e ser amado, é um corpo que apela para ser aceito e não moldado. É um corpo que requer paciência, atenção, escuta, afetividade, disponibilidade e aceitação.

Corpos em diálogo: a comunicação mediadora da psicomotricidade no TEA

Considerando a psicomotricidade como esse campo que estuda o indivíduo em seus aspectos motores, sociais, cognitivos, emocionais e relacionais, é possível perceber que compreende as mais diversas formas de expressão por meio do movimento, que por sua vez, é o que dá vida ao que se quer dizer, mas de maneira não verbal. É nesse movimento que o indivíduo reflete suas vivências, sua relação com o mundo, suas frustrações, alegrias, possibilitando a comunicação do que não se pode colocar em palavras.

Certos comportamentos de crianças autistas, ainda são muito estigmatizados e vistos somente pelo olhar negativo, mas na relação com o psicomotricista é possível ressignificar estes movimentos. O ato de incitar a organização da mente, o sequenciamento da motricidade e a relação com o tônus muscular atuam de forma positiva na formação da personalidade e autonomia, principalmente em crianças com TEA. Segundo Jia & Xie (2021 *apud* PINHEIRO *et al.*, 2022, p.5):

[...] dizem que a atividade neural das áreas motoras do cérebro de crianças com TEA é fraca e essa baixa mobilidade das habilidades motoras está relacionada a anormalidades na estrutura do cérebro e no processo de desenvolvimento. Segundo eles, a disfunção motora de crianças com TEA não melhora naturalmente com a idade, e esses comportamentos motores anormais podem perpetuar-se desde a infância por toda a vida. Eles afirmam que a intervenção motora melhora efetivamente a disfunção motora dessas crianças.

Sob essa perspectiva, a psicomotricidade vem como uma aliada para potencializar a expressão desses corpos tão estigmatizados. Dessa forma, apresentaremos de forma sucinta como o trabalho psicomotor pode auxiliar na comunicação de crianças com TEA não oralizadas. Destacando que não desejamos ser um manual metodológico, mas inspirar profissionais e familiares a terem um olhar mais positivo sobre esses corpos, perceber cada conquista e cada expressão, ressaltando a importância da construção da afetividade e do vínculo para compreender e acolher cada movimento.

Foi na prática e no fazer psicomotor que pudemos perceber o diferencial do viés da psicomotricidade na relação com as crianças com TEA não oralizadas. O nosso olhar, enquanto profissionais, ficou mais sensível às possibilidades de explorar o mundo delas. É nesse sentido, que trazemos o primeiro relato de experiência que conduz nossas reflexões, ressaltando que o mesmo ocorreu no estágio participante de uma das autoras na área de educação psicomotora:

Durante uma sessão / vivência psicomotora, um dos estudantes atendidos, uma criança com TEA, não verbal, inicialmente se mostrou resistente a interação e até mesmo a se aproximar das outras crianças presentes. Foi ao ver um ambiente preparado, isto é, os objetos expostos que poderiam ser explorados, o tatame e a estagiária disposta a fazer a interação acontecer, que ele em seu tempo, começou a se abrir para a vivência por meio da ação da psicomotricidade relacional, cujo alguns bambolês foram vetores para que a nossa comunicação iniciasse. Foi por meio da organização deles que a autora conseguiu se aproximar e que ele permitiu que brincassem juntos. Foi ao observar os movimentos contidos daquela criança, que ela teve uma ideia do que poderia fazer com que ele se aproximasse e foi quando ela disponibilizou os bambolês no chão, próximo de onde estava, que ele se aproximou gradualmente, reorganizando os objetos da sua maneira, iniciando uma interação. Foi então, através do objeto e desse jogo simbólico, que conseguiu estabelecer com ele um vínculo e uma troca de afeto, no qual se comunicaram pelo olhar, pelas risadas que soltaram juntos durante o encontro. Terminando com a maior troca de afeto que ela poderia receber de uma criança com TEA, cujo toque pode ser extremamente desconfortável, um abraço. (Relato de uma das autoras, 2024).

Por meio desse relato destacamos que o jogo simbólico, especialmente à luz de autores como Henri Wallon, é uma forma de expressão em que a criança utiliza gestos, objetos e situações imaginárias para representar emoções, vivências internas e relações afetivas. Ou seja, ela transforma o brincar em um canal de comunicação, onde sentimentos, desejos e conflitos podem ser encenados e elaborados. É nesse sentido que Perrotta *et al.* (2019, p. 3) destacam que:

O trabalho da Psicomotricidade, baseado nas práticas corporais que buscam evidenciar o movimento e a expressão a partir do jogo simbólico, embalado por propostas, espaços, outros sujeitos e materiais, possibilita emergir a potencialidade de cada criança no contexto educativo. Em uma rede de relações consigo mesmo, com o outro, com os materiais e o ambiente, as crianças expressam sentimentos, exploram suas potencialidades e, a partir do jogo simbólico, elaboram questões pessoais que nem sempre conseguem ser verbalizadas.

O segundo relato trata-se de um episódio que aconteceu no período de estágio em contexto clínico e com a segunda autora:

G., criança de 10 anos, diagnosticada com TEA, nível de suporte 3, apresentava significativa defasagem no acompanhamento dos conteúdos pedagógicos escolar. Não verbal e gêmea de L — também autista e com nível de suporte 3 — G. manifestava intensas questões sensoriais, frequentemente acompanhadas de desorganização corporal e comportamental. Sua profissional de apoio relatava episódios recorrentes de constipação intestinal, fator que parecia intensificar os momentos de desconforto. Nessas ocasiões, a criança exibia comportamentos autolesivos, como bater com as mãos na própria cabeça e apresentava sequências sensorio-comportamentais específicas, como andar descalça, manipular os próprios pés com as mãos e, em seguida, levá-las à boca, o que geralmente era sucedido por episódios de pigarro persistente. Diante desse quadro, a psicomotricista, ao perceber os sinais de desorganização tônico-emocional, frequentemente propunha atividades de corrida como estratégia de autorregulação. Em algumas situações, o irmão gêmeo também participava ativamente dessa dinâmica; em outras, a mediação era realizada por um adulto, a fim de garantir engajamento e segurança. Observou-se que, após a realização de diversas voltas, G. apresentava sinais de reorganização corporal e emocional, o que favorecia o estabelecimento de interações mais significativas com a profissional, possibilitando uma construção mais efetiva do vínculo e da comunicação não verbal (Relato de uma das autoras, 2024).

Em relação a esses comportamentos de desorganização que comunicam alguns desconfortos, trazemos Perrotta *et al.* (2019, p. 8) que destacam que “essa linguagem não verbal nos aproxima de seus corpos e dos nossos próprios, retirando parte de nossa autoridade e deixando emergir nossa autoria como corpos também brincantes nessa relação, mais próximos do ‘eu’ subjetivo de cada um de nós.”

Nosso início no jogo simbólico se dá como um parceiro simbólico, como alguém disponível para entrar na cena sem a necessidade da interação verbal, conforme dialoga Mastrascusa e Franch (2016), o que, nesse caso, favorece o trabalho a ser realizado com as crianças com TEA. Vale ressaltar que embora valorizemos o jogo simbólico e o brincar como uma ferramenta facilitadora para o fortalecimento de vínculo, de comunicação, de exploração das emoções, do mundo e para o desenvolvimento, é preciso ter a compreensão de que para crianças com TEA essa interação com o brincar ocorre de uma maneira diferente. Isso porque, alguns deles possuem algumas dificuldades com o faz-de-conta, com o uso da imaginação no brincar, que se dá de forma espontânea e de acordo com o que é possível para eles, levando em consideração as suas características. Mas isso não é um impeditivo para o brincar e a mediação pelos objetos acontecerem.

As atividades lúdicas, no contexto da psicomotricidade, constituem-se como recursos fundamentais para o favorecimento da relação corporal de crianças com TEA. O lúdico oferece uma via de acesso não verbal à expressão de afetos, desejos e experiências internas. O brincar não se restringe a um exercício motor ou funcional, mas configura-se como um espaço

simbólico e relacional, no qual o corpo é linguagem e o afeto é estrutura organizadora da ação. A ludicidade, portanto, assume um papel terapêutico e educativo, ao permitir que a criança vivencie experiências corporais que favoreçam a integração dos eixos motricidade-afetividade-cognição. A exemplo dessas situações como um meio para acessar a criança, podemos citar uma experiência vivenciada por uma de nós em ambiente clínico, onde nos utilizamos da música e da dança para que a relação se estabelecesse e um processo de interação ocorresse:

Foi no balançar livre do corpo, seguindo a melodia de uma das músicas da banda Bee Gees, que uma das autoras presenciou uma paciente com TEA, nível três de suporte, que não se comunicava oralmente, que se mordida ao ponto de ferir sua mão, se regular e permitir ao seu corpo sentir a música, escolhida por ela, ou seja, não qualquer música, mas uma música que partia da dimensão do afeto, da bagagem que ela trazia consigo e se balançar, se acalmar e permitir que dançassem juntas, compartilhando aquele momento, onde ambos os corpos puderam se entender por meio da dança e da melodia (Relato de uma das autoras, 2023).

Dinâmicas pedagógicas, atividades lúdicas, jogos simbólicos e propostas psicomotoras integradas favorecem a relação da criança com o meio em que vive, estimulando o corpo de forma global. Nessa integração entre corpo, afeto e ação, criam-se condições propícias para a construção da autonomia, da comunicação espontânea e, conseqüentemente, da ampliação dos domínios cognitivos.

Em outro episódio ocorrido no estágio de psicomotricidade e em contexto clínico, que ilustra as potencialidades do uso de atividades lúdicas enquanto recurso terapêutico, apresentamos o caso de B., criança de 5 anos, não verbal, em processo de investigação diagnóstica para TEA, nível de suporte 2:

B. demonstrava preferência por brincadeiras solitárias, não buscava interações sociais nem estabelecia contato visual com os presentes. Sua atenção estava frequentemente voltada para as próprias mãos, que observava atentamente enquanto as movimentava, apertando os dedos individualmente e girando-as alternadamente para ambos os lados. Em uma das sessões, a profissional inseriu-se de forma sutil em sua atividade espontânea, posicionando sua mão sobre a mão de B. no exato momento em que este a observava. A criança, diante da presença inesperada daquele novo elemento, pareceu momentaneamente suspensa, sem saber como reagir. Na condição de estagiária, a autora permaneceu em observação até que recebeu o sinal da psicomotricista para se inserir na interação. Ao replicar o mesmo gesto, posicionando as suas mãos sobre as outras duas já em contato, B. ergueu o olhar e, pela primeira vez, pareceu reconhecer ativamente a presença do outro no espaço. A partir desse momento, estabeleceu-se um jogo de esconder os olhos com as mãos e revelar-se ao som da palavra "achou!". Gradualmente, B. passou a não apenas imitar a ação, mas também a reproduzi-la de forma intersubjetiva — ora em si mesmo, ora nos outros — indicando o início de um processo de troca simbólica mediada pela corporeidade e pela afetividade compartilhada (Relato de uma das autoras, 2025).

É nesse sentido que enfatizamos que o afeto pode ser o motor do corpo, pode ajudar a expressar as emoções, regulá-las e permitir o contato. Assim, pensamos a psicomotricidade

como uma ferramenta que media essa troca e de acordo com Wallon (1995 p.29 *apud* Magalhães *et al.* 2008, p.4) devemos “(...) observar a criança no seu desenvolvimento tomando-a por ponto de partida, acompanhando-a ao longo das suas sucessivas idades e estudando os estádios correspondentes sem os submeter à censura prévia das nossas definições lógicas”. Portanto, ao psicomotricista cabe a espera, a observação, a escuta e a disponibilidade de afetos para que a troca ocorra e a psicomotricidade traga potencialidades na vida da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir sobre as diferentes formas de comunicação da criança com TEA, tendo o corpo como uma das principais formas de expressão. Sobretudo para aquelas crianças que não são oralizadas, trazendo a psicomotricidade como uma mediadora e potencializadora desse processo de comunicação. É entendendo que o corpo comunica para além da fala, que a pesquisa ganha sentido, proporcionando a compreensão das singularidades dos sujeitos, trazendo um olhar ampliado e sensível, reconhecendo as potencialidades das diferentes formas de se comunicar, sendo a psicomotricidade uma aliada nesse processo.

Por meio das nossas vivências com o olhar da psicomotricidade e dos relatos do vivido, foi possível perceber o quanto é um diferencial o trabalho realizado por meio das vivências psicomotoras, tendo o afeto e o respeito como base, embasados nos estudos da psicomotricidade relacional, dos jogos simbólicos, compreendendo o ser em totalidade e entendendo que não é um simples fazer, mas uma prática embasada e preparada.

Compreendeu-se que por meio do brincar, dos jogos simbólicos, das dinâmicas que envolvem o corpo também é possível estabelecer uma comunicação, inclusive do que não encontra espaço na oralidade. Portanto, a psicomotricidade favorece essas potencialidades do corpo da criança com TEA, permitindo enxergá-los para além de suas limitações, mas como seres em potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Letícia Alexandra de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. As contribuições da teoria de Henri Wallon para a educação. São Paulo. **Cadernos da Fucamp**, v.21, n.52, p.60-75 / 2022. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2817/1763>>. Acesso em 10 de maio de 2025.

BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa. Manual de trabalhos acadêmico-científicos: relato de experiência. **Nova UBM-Centro Universitário de Barra Mansa. Gaia, ACA**, 2024. Disponível em: <<https://www.ubm.br/explorer/arquivos/manual-ubm-relato-de-experi%C3%A4ncia.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2025.

JIA, Weihua; XIE, Jinghong. Improvement of the health of people with autism spectrum disorder by exercise. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.27, n. 3, p. 282-285, 2021. **In:** PINHEIRO, Blenda Meireles Serra; SILVA, Victor Cruvel; JUNIOR, Edson Farret da Costa; SOARES, Raphael Almeida Silva. A importância da estimulação psicomotora para crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Niterói. **HSDR**, vol.3, n1, e10020, 2022.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s3-s11, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 11 de mar. de 2025.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional. **Efdeportes Revista Digital-Buenos Aires**, v. 13, p. 126, 2008. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd126/psicomotricidade-historia-e-intervencao-profissional.htm>>. Acesso em 26 de abril de 2025.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo, Brasil. Edições Loyola, 2004.

MASTRASCUSA, Celso; FRANCH, Nuria **Corpo em movimento, Corpo em relação: Psicomotricidade relacional no ambiente educativo**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

MORIZOT, Regina. A história da psicomotricidade e da Associação Brasileira de Psicomotricidade. **In: PRISTA, Rosa Maria (Org). As Formações Brasileiras em Psicomotricidade**. Revista Mosaico (Edição Histórica). São Paulo: All Print, 2010.

Neurodivergente: o que é, características, exemplos e mais. **Exame**, 2023. Autoria desconhecida. Disponível em: <https://exame.com/esg/neurodivergente-o-que-e-caracteristicas-exemplos-e-mais/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento>. Acesso em 27 de abril de 2025.

OLIVEIRA, Caroline Moreira. **INCLUSÃO E DIVERSIDADE: Desdobramentos da Psicomotricidade Relacional no Âmbito Educacional**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/37813/2020_d_CarolineMoreiradeOliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 28 de maio 2025.

PERROTTA, Camila; FERREIRA, Cintia Tavares; SCHAEFER, Katia de Souza e Almeida Bizzo; AGUIAR, Rosana de Moura de. O olhar para a diversidade a partir das vivências psicomotoras com crianças. **Revista Práticas em Educação Infantil**. vol. 3, nº3, 2019.

PINHEIRO, Blenda Meireles Serra; SILVA, Victor Cruvel; JUNIOR, Edson Farret da Costa; SOARES, Raphael Almeida Silva. A importância da estimulação psicomotora para crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Niterói. **HSDR**, vol.3, n1, e10020, 2022. Disponível em: <<https://app.periodikos.com.br/article/10.51995/2675-8245.v3i1e10020/pdf/hsdr-3-1-e10020.pdf>>. Acesso em 6 de maio de 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

SIMEÃO, Débora Lima de Oliveira. **Os efeitos do programa de intervenção da psicomotricidade relacional com a criança autista na construção das interações sociais.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/2b881350-75e3-4d09-ba88-8ec73ee34bff/content>>. Acesso em 3 de maio de 2025.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

TAFURI, Maria Izabel; SAFRA, Gilberto. O que pode o corpo de uma criança autista? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/JnNPwCpxczk38vFrRJwg8mk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 29 de maio de 2025.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995. In: MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. Formação docente e Psicomotricidade em tempos de escola inclusiva: Uma leitura com base em Henri Wallon. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 31., 2008, Caxambu. Anais eletrônicos, 2008. Disponível em: <<https://legado.anped.org.br/sites/default/files/gt15-4920-int.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2025.